

Belarmino versus o
Esquartejado/Crucificado:
análise do conto “Viagem a
Nápoles” de Sérgio Buarque
de Holanda

Belarmino versus the
Quartered/Crucified: analysis
of the short story “Viagem a
Nápoles” by Sérgio Buarque
de Holanda

Damião Duque Farias¹



Resumo: Este artigo aborda o conto “Viagem a Nápoles”, de Sérgio B. de Holanda, de 1931, retomando o argumento de outras análises que o compreendem como crítica ao poder teológico-político. Nossa leitura é elaborada com mediações de outras obras imbricadas entre si, dentre as quais *O Idiota*, de Dostoievski (1869), que influenciaria *O Anticristo* de Nietzsche (1895). No conto *Viagem a Nápoles*, o personagem Belarmino (etimologicamente, idiota) é uma criança no início da puberdade que, por imprudência e curiosidade, quebrou um quadro de Tiradentes. Levado a julgamento, Belarmino, acompanhado por sua professora Eleanor, foge para Nápoles, onde encontra o Imperador da cidade, vulto de mulher. Nossa interpretação da aventura do menino, representação do povo brasileiro, um tanto idiota, faz apontamentos no sentido da reiteração crítica do conto ao poder teológico político no Brasil, desde o Império e, naquele ano de sua publicação, ao novo arranjo do poder teológico político, sob os auspícios do Governo Vargas, com ato simbólico da Consagração de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil. **Palavras-chave:** Viagem a Nápoles; Sérgio Buarque de Holanda; Friedrich Nietzsche; Dostoievski; Teológico-político.

Abstract: This article reflects the short story “Viagem a Nápoles”, by Sérgio B. de Holanda, from 1931, revisiting the argument from other analyzes that understand it as a criticism of the theological-political power. Our reading is elaborated with mediations of other works intertwined, like Dostoevski’s *The Idiot* (1869), which would influence Nietzsche’s *Antichrist* (1895). In the short story “Viagem a Nápoles”, the character Belarmino (etymologically, idiot) is a child at the beginning of puberty who, out of recklessness and curiosity, broke a picture of Tiradentes. Taken to trial, Belarmino, accompanied by his teacher Eleanor, flees to Naples, where he meets the city’s Emperor, a figure of a woman. Our interpretation of the boy’s adventure, a representation of Brazilian people, rather



idiotic, makes notes in the sense of the critical reiteration of the tale to political theological power in Brazil, since the Empire and, in that year of its publication, to the new arrangement of political theological power, under the auspices of the Vargas Government, with the symbolic act of the Nossa Senhora Aparecida's Consecration as Patroness of Brazil.

Keywords: *Viagem a Nápoles*; Sérgio Buarque de Holanda; Friedrich Nietzsche; Dostoevski; Theological-political.

Damião Duque Farias
Belarmino versus o Esquartejado/Crucificado:
análise do conto "Viagem a Nápoles" de Sérgio
Buarque de Holanda



Este artigo interpreta o conto “Viagem a Nápoles”, de Sérgio Buarque de Holanda (2008) publicado em 1931. Para tanto, retomamos o argumento de outras análises que o compreendem como crítica ao poder teológico-político. Um exemplo é Cerqueira (2016), que admite o postulado central de Cerqueira Filho (2012) sobre o significado do “Imperador de Nápoles”, presente no conto de Holanda, como imaginário nostálgico românico preñado de autoritarismo e que se manifestaria subjetivamente na obra de ficção e, ainda, em *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1936). Cerqueira (2016) interpreta essa nostalgia relacionando-a à distinta peleja da tradição intelectual e política ibero-brasileira: de um lado o tomismo (advogados do livre-arbítrio) e, do outro, o jansenismo (defensores da predestinação). O autor afirma que a posição de Holanda seria próxima à do segundo grupo e oposta à de Alceu Amoroso Lima, o principal intelectual leigo católico e representante do tomismo, na década de 30.

Na verdade, o ponto de partida para a elaboração do significado do “Imperador de Nápoles”, como descrito no parágrafo anterior, dever-se-ia à assimilação, por Sérgio Buarque de Holanda, quando de sua estadia na Alemanha em fins da década de 20 e início dos anos 30, da história biográfica de Frederico II (1194-1250). Ele fora Imperador do Império Sacro Romano (1220-1250) e sua história escrita por Ernest Kantorowicz, obra de sucesso editorial, cuja primeira edição foi em 1926.

Embora não possa de antemão descartar as interessantes indicações interpretativas apontadas acima, nossa leitura será elaborada com as mediações de outras obras, imbricadas entre si, dentre as quais *O Idiota* de Dostoievski (2002), publicada em 1869, que influenciaria *O Anticristo* de Nietzsche (2016), publicada em 1895. O filósofo alemão, em sua crítica ao poder moral teológico-político do cristianismo, tomou de empréstimo algumas características psicológicas da personagem Liév Nikolaievitch de *O Idiota*, para avaliar e interpretar o “tipo” do pregador do evangelho, o Cristo. Assim, Nietzsche considerou que a qualidade essencial do evangelista seria a beatitude. Ele seria um idiota; nessa acepção, uma criança ingênua e amoral.

No aforismo de número 31 de *O Anticristo* (obra concluída em 1888), Nietzsche analisou os traços do tipo psicofisiológico da figura do redentor que chegaram até os tempos modernos, não obstante a possível corrupção produzida na tradução que lhe fizeram os apóstolos e seus seguidores. Em todo caso, os evangelhos demonstrariam o universo peculiar e doente, “como o de um romance russo, no qual a escória da sociedade, as doenças nervosas



e o idiotismo ‘infantil’ parecem ter um encontro” (NIETZSCHE, 2016, p. 36). Mais adiante, no mesmo aforismo, o filósofo ainda aduz uma observação que indica a apropriação do referido tipo psicofisiológico: “É de lamentar que um Dostoiévski não tenha vivido na proximidade desse interessantíssimo *décadent* – quero dizer, alguém que pudesse perceber o arrebatador encanto dessa mistura de sublime, enfermo e infantil” (NIETZSCHE, 2016, p. 37).

Na intenção de elucidar o “evangelista”, Nietzsche se opõe à caracterização do Jesus histórico, elaborada por Ernest Renan (*História do Povo de Israel*, publicada entre 1883 a 1893), por meio das noções de “gênio” e “herói”. De acordo com Nietzsche, a “boa nova” seria própria de um perfil humano, cujos instintos dominantes se definem pela rejeição a tudo que lhe é externo. Há nele extrema sensibilidade e excitação à dor e ao sofrimento, donde deriva uma incapacidade para resistir a toda e qualquer realidade, restando-lhe o sentimento amoroso como única e última possibilidade de vida. Assim, para o “tipo redentor” não existiria realidade externa, como a cultura e o Estado, e as próprias palavras nada definiriam em si mesmas. Tudo o que contaria seria a própria experiência vívida e prática, significada na interioridade pessoal, absoluta e divinizada.

Não se acha, em toda a psicologia do “evangelho”, o conceito de culpa e castigo; nem o conceito de recompensa. O “pecado”, qualquer relação distanciada entre Deus e homem, está abolido – *justamente isso é a “boa nova”*. A beatitude não é prometida, não é ligada a condições: é a *única* realidade – o resto é signo para dela falar... (NIETZSCHE, 2016, p. 39).

O que acontecera então, no curso do tempo, na interpretação do evangelista realizada pelas comunidades cristãs? Nietzsche afirma que, sob o peso do enigma do acontecimento da morte do “redentor”, seus primeiros seguidores abandonaram o seu exemplo, a prática e a experiência de ser amor a toda circunstância. Frente ao paradoxo da ignóbil tortura e morte na cruz, eles buscaram e inventaram, a partir de seu meio, uma explicação mais plausível: a presença do messias, o crime cometido por ele, ou seja, a contestação ao poder sacerdotal, teológico-político e judaico. Disso decorreram o desenvolvimento de afetos ressentidos e o desejo de vingança contra a elite social e religiosa de seu povo; os seguidores criaram nova religião, o cristianismo, quando o único cristão já havia desaparecido.

Mas, ainda conforme o filósofo de *O Anticristo*, fora Paulo, o Apóstolo, o



responsável pela transvaloração decisiva da figura do evangelista, ao retirar da imagem da crucificação a simbologia do sacrifício de um Deus por amor e expiação de todos os pecados e, por meio dela, a mais entranhada dívida da humanidade. Paulo, com seu instinto sacerdotal-judaico, ao fantasiar o dogma da ressurreição, também suscitou o maior ódio ao corpo e à vida.

A “boa nova” foi imediatamente seguida pela pior de todas: a de Paulo. Em Paulo se incorporava o tipo contrário ao “portador da boa nova”, o gênio em matéria de ódio, na visão do ódio, na implacável lógica do ódio. O que não sacrificou ao ódio esse “disangelista”! Antes de tudo o Redentor: ele o pregou à *sua* cruz. (...) Paulo quis os fins, *portanto* quis também os meios... O que ele mesmo não acreditava, acreditavam os idiotas aos quais lançou a sua doutrina. – *Sua* necessidade era o poder; com Paulo o sacerdote quis novamente chegar ao poder – ele tinha utilidade apenas para conceitos, doutrinas, símbolos com que são tiranizadas as massas, são formados os rebanhos (NIETZSCHE, 2016, p. 48).

A rememoração da crucificação transformou-se em fonte dos valores morais dominantes no Ocidente e, portanto, do poder teológico-político. Embora o texto de Nietzsche não seja dirigido estritamente à crítica ao poder político no Ocidente, ela o engloba efetivamente, na medida em que o filósofo o define como “instinto de teólogo”.

É necessário dizer *quem* considerarmos nossa antítese – os teólogos e todos os que têm sangue de teólogo nas veias [...]. A esse instinto de teólogo eu faço guerra: encontrei sua pista em toda parte. [...] Se acontece de os teólogos, através da “consciência” dos príncipes (*ou* dos povos –), estenderem a mão para o *poder*, não duvidemos do que no fundo sempre se dá: a vontade de fim, a vontade *niilista* quer alcançar o poder... (NIETZSCHE, 2016, p. 15-16).

Na interpretação nietzschiana está clara a contraposição entre o Cristo, portador da “boa nova”, e o crucificado sob a invenção paulina. No caso, o “crucificado histórico”, cuja tipologia é qualificada pelo filósofo alemão como “sublime, enfermo e infantil”, um específico idiota, bem poderia ser pensado na diferença ou alteridade da identidade religiosa inventada por Paulo: extrapolando, talvez, um Anticristo.



Em *Viagem a Nápoles* (HOLANDA, 2008), o personagem Belarmino (etimologicamente, idiota)² é uma criança no início da puberdade que, por imprudência e curiosidade, quebrou um quadro de Tiradentes (herói da República). Belarmino espatifara o quadro de nosso “Cristo cívico”: outro “idiota” que beatificamente aceitara a pena do esquartejamento e que entraria santamente para o panteão dos heróis nacionais, como mártir. Essa imagem, consolidada na República, não deixou de ser uma reposição do aspecto teológico-político sobre a vida da Nação.

O conto está organizado em cinco seções; iremos apresentá-las resumidamente, com a costura de trechos da obra e abreviações elaboradas por nós. Na sequência destacaremos os elementos que nos interessam para a argumentação interpretativa do artigo porque consideramos salutar à compreensão, acompanharmos alguns detalhes da aventura de Belarmino.

Seção I: “Agora que lhe furtaram os dois dentes da frente, a vida vai perder seguramente todo seu sabor”. “Anda daí, preguiçoso! Espera um bocadinho que vou dizer a seu pai, já e já”, admoestou-o Marcenirria, a arrumadeira da casa. A seguir, Belarmino, com um lado ainda todo dormente, procura se equilibrar em uma cadeira e a quebra. Outra vez ouvimos Marcenirria: “Como é que me faz uma coisa dessas, seu peste! Não sabe que foi nessa cadeira que nasceu Nosso Senhor Jesus Cristo?”. Devido ao grito do menino, sua mãe apareceu e procurou acalmá-lo, dizendo-lhe para ficar tranquilo, ninguém se riria da falta dos dentes, ao contrário seria tanto melhor respeitado. Aliás, para resolver o problema bastaria beber alguns goles d’água, até a Praça da República, que os dentes cresceriam novamente... “Mas cuidado para não entornar na roupa, pois não quero ninguém com veneno aqui em casa” (HOLANDA, 2008, p. 565-567).

A seguir, Belarmino se entretém com imaginações aventureiras de seus colegas frente a grandes perigos e feras, perdendo-as pela provocação de uma mosca que sobrevoa seu corpo. “Um sentimento de compaixão pelo pobre inseto impediu-o de matá-la como era ao começo o seu propósito”. Requeridas as orações, por parte de sua mãe, e considerando a necessidade de compensação do “terrível pecado” que cometeria, ajoelhou-se para diferentes preces bem conhecidas e uma que lhe era bem própria: “Oh Maria, minha mãe!/ Protegei e abençoai,/ De todo o coração./ Vosso filhinho/ Que vos ama,/ Belarmino” (HOLANDA, 2008, p. 565-567).

Conforme já adiantamos anteriormente, Belarmino é compreendido, em outras interpretações do conto, a partir de vinculações biográficas do eminente modernista e historiador brasileiro e, também, como uma alegoria ao povo



brasileiro. Conservaremos essas acepções e a elas acrescentaremos a ideia de personagem crística, filho de Deus. Belarmino, alegoria do povo brasileiro, filho da Virgem Maria! Mas ainda bastante criança, no início da puberdade, tolo e suficientemente idiota para ser consonante com seu próprio nome.

A estultice de povo moço não era uma imagem incomum dos brasileiros entre os modernistas. Se podemos percebê-la nas peripécias de *Macunaíma*, de Mário de Andrade (1928), Holanda contestou, no polêmico artigo de ruptura com algumas tendências e intelectuais do modernismo brasileiro, intitulado “O lado oposto e outros lados” (1926), as tentativas de espartilhos que objetivariam estrangular “de vez esse nosso maldito estouvamento de povo moço e sem juízo” (HOLANDA, 1989, p. 87).

Outra metáfora própria daqueles artistas e intelectuais, pelo menos dos próximos ao “primitivismo”, relaciona-se à capacidade de morder. Ela é expressa em termos de “Primeira Dentição” e “Segunda Dentição” e é explicitada no *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade (1928) e na Revista de Antropofagia em suas distintas fases. O tema se insere, ainda, em uma problemática mais ampla da psicanálise e da filosofia: na “má consciência”. Tem-se, inclusive, sido chamada a atenção para a influência de Sigmund Freud sobre aqueles modernistas. No entanto, nos parece que a interpretação de Holanda no conto, como também em *Raízes do Brasil* (1936), está mais próxima da filosofia de Nietzsche, conforme a Segunda Dissertação de *A Genealogia da Moral* – uma polêmica (NIETZSCHE, 1998), intitulada “Culpa, Má Consciências e coisas afins”.

A vexação de Belarmino pela perda dos dois dentes da frente significa exatamente a perda da agressividade natural e instintiva, própria do povo moço, juvenil e estulto que pouco observava os regramentos morais. Para Nietzsche, a necessidade de convívio coletivo, a imposição da moral e os seus desdobramentos sob o poder do sacerdote, especialmente após o domínio cultural do cristianismo no Ocidente, com a articulação das noções de culpa e castigo, seriam não só o processo paralelo e vinculado da má consciência, como também o adoecimento, via domesticação, amansamento e transformação do homem em animal de rebanho. Ou seja, ela seria seu envenenamento, com um morder para trás, a si mesmo.

Pensamos que, não por acaso, a Mãe de Belarmino, cujo nome nunca é dito, sugere-lhe que, doravante, “ninguém há de caçar de você. E é mesmo assim, eles respeitarão a sua cara” (HOLANDA, 2008, p. 566). A recomendação para beber um copo de água até a Praça da República, para logo crescerem outros



dentes, parece ser a incorporação dos “valores civilizados” que o novo Regime pretendeu representar, superando de vez os modos atávicos de uma cultura chã ainda presente nos tempos de Império. Mas a ironia de Holanda surge no final da fala da Mãe: “Mas cuidado para não entornar na roupa, pois não quero ninguém com veneno aqui em casa” (HOLANDA, 2008, p. 566).

Em relação a esse ponto, outra imagem é construída. Enquanto a Mãe falava, Belarmino a vê como sua professora, Dona Catarina Honório, aquela a quem devemos reverência por sua imaculada pureza e honradez – mais adiante, voltaremos a esta personagem. Ela é representada em seus cabelos alourados, tez alva, vestimenta puritana e um nariz que cresce de modo desmesurado em direção à boca, talvez tomando o aspecto de uma bruxa ou de uma mentira pregada aos olhos do menino: “Belarmino teve vontade de rir” (HOLANDA, 2008, p. 566).

No Conto, a figura paterna jamais é apresentada diretamente, apenas como uma autoridade distante, como no seguinte trecho: “Espera um bocadinho que vou dizer a seu pai” (HOLANDA, 2008, p. 565). Por outro lado, por diversas vezes nos deparamos com a presença da arrumadeira Marceniria, provavelmente uma corruptela proposital para “marcenaria”, “carpintaria”.

Por fim, três aspectos correlacionam Belarmino à noção buarquiana da psicologia do povo brasileiro. O primeiro deles é o gosto pela aventura e disposições para o perigo (conforme as experiências contadas por seus colegas e irmãos de seus colegas), marcadamente presentes em diferentes clássicos de Sérgio Buarque de Holanda, desde *Raízes do Brasil* (1936), *Monções* (1945), *Caminhos e Fronteiras* (1957) até *Visões do Paraíso* (1959).

O segundo aspecto diz respeito à produção da intimidade, que ocorre na redução ou “horror às distâncias”. Ela se expressa nos relacionamentos, no abuso de termos no diminutivo (como “bocadinho”, “filhinho”, “bichinho” e “risquinhos”) e na convivência sem reverência e hierarquia nas formas da religiosidade, bem apanhada na oração de Belarmino. Esse aspecto é por demais conhecido entre os intérpretes de Holanda, particularmente de sua primeira obra, de 1936.

O terceiro aspecto que destacamos é a narrativa sobre a mosca e o “sentimento de compaixão pelo inseto” que invadiu Belarmino, conquanto uma declaração de amor ao mundo, mesmo às coisas mais insignificantes. Esse sentimento não pode ser incorporado à noção moral do “amor ao próximo”, princípio cristão, objeto de crítica nietzschiana e também de Holanda na interpretação que fará do homem cordial em *Raízes do Brasil* (1936).



Acreditamos ser desnecessário nos estendermos sobre os episódios da “cadeira onde nasceu o menino Jesus Cristo” e também sobre o significado da prece de Belarmino. São evidentes por si.

Seção II: Esta parte do conto é dedicada à apresentação do comportamento e da “personalidade” do menino Belarmino. Ela já dava sinais de experimentar um “esquisito mal-estar” ou como definia Marcenirria “dor da consciência”. Essa condição era provocada, sobretudo, na inteiração que tinha com os outros, adultos e crianças, seja nas ruas ou na escola. Sentia-se um conspirador; os transeuntes o olhavam com olho alarmado. Ele mesmo não deixa de alternar o próprio olhar sobre o outro, entre gentes comuns, familiares e figuras assustadoras, de olhar fixo, como se tivessem “saído da Casa de Correção ou dos cartazes” (HOLANDA, 2008, p. 568-569).

Todavia, os estranhamentos parecem ter explicação, segundo ele próprio, em seu “ar desajeitado”, em suas esquisitices. De fato, “ninguém olha naturalmente para ele”, não é visto como um transeunte comum. Todos riem e deboçam dele. Provavelmente, por suas manias de contar os passos, pelo “hábito de cobrir as orelhas quando se deita”, pelo jeito desengonçado de andar devido ao esforço de pisar somente no meio dos quadrados do calçamento, nunca em suas riscas, e especialmente à noite se sente perseguido pelo demônio. Porém, o mais grave é que Belarmino tem dificuldade para ouvir, entender e falar com os outros. Foi o que se dera quando um professor lhe perguntara sobre uma planta da família das leguminosas, ao que ele responde: “como feijão”. A resposta causa o escárnio geral e inicia o calvário de menino (HOLANDA, 2008, p. 568-569).

Belarmino reflete sobre sua interação social. Ela denuncia a aproximação com o tipo, característico de um amálgama de “criança, enfermo e sublime” que Nietzsche utilizou para definir o evangelista. É necessário, ainda, advertir que o filósofo se apropria de traços e rastros deixados pelo Cristo, apesar de toda possível corrupção produzida pelos seus seguidores apóstolos. Também utilizou a criação ficcional dos romances russos, do psicólogo Dostoiévski na criação de seus personagens, da escória social, entre “infantil” e enfermo. Outra advertência importante é que em Nietzsche o “tipo” psicofisiológico, como uma “espécie” cultural do humano, jamais será colhido na história em seu padrão “puro” ou na sua totalidade. O comum é que o encontramos mesclado a outras linhagens, até mesmo contrárias.³

Assim, Belarmino não está totalmente conforme ao tipo, pois ainda concebe sua interação com o meio social. Contudo, como que por forças instintivas, suas esquisitices e seu modo desajeitado e desviante do comportamento geral



se evidenciam. Nessas atitudes estranhas e estranháveis, Belarmino parece estar fora do ninho. Ele próprio reconhece essa condição de anormalidade, de “criminoso” frente ao mundo. Uma criminalidade produzida por pura estultice infantil. Todavia, ele é alvo de toda pilhéria e escárnio, não só de adultos, como ainda dos coleguinhas de turma escolar. Muitas das ações de Belarmino estão desconectadas da realidade e são produzidas em uma condição de introspecção plena, ele e seus impulsos, seus pensamentos e demônios. O próprio meio social e as pessoas circundantes, como no episódio de sua Mãe, transformada ao mesmo tempo em professora Catarina Honório e bruxa, são observadas, por ele, na alternância entre “pessoas comuns” e “figuras familiares” ou o contrário, completamente estranhas, como que saídas da Casa de Correção e dos cartazes.

Belarmino não é um transeunte comum: “Todos os transeuntes encaram-no com olho alarmado” (HOLANDA, 2008, p. 568). É possível que Holanda imagine a condição de Belarmino como “povo brasileiro”, ainda moço e estulto, a entrar na puberdade, alheio e diferente de outros povos no coro da “civilização” ocidental. Esses lhe cercam com suas “barbas e olhar fixo”, verdadeiros transeuntes, “homens máquinas” produzidos na modernidade americanista, da qual Holanda perspectiva escapar a partir e no interior do modernismo brasileiro. Belarmino, apesar do esforço, não consegue se comunicar.

Nossa personagem, criança, idiota e comedora de feijão, é motivo de chacota e violência da parte de seus colegas de classe, desde antes da tentativa de resposta ao professor Zenon Cleantes de Oliveira, sobre a planta da família das leguminosas.

Seção III: Nesta terceira parte do conto tomamos conhecimento do “trágico” acontecimento de véspera, que afligia Belarmino desde a hora que despertara. Sem entender o motivo, depois daquela cena em que afirmara comer feijão, o menino foi posto de castigo em uma sala vazia, onde pendia das paredes o retrato de Tiradentes. Supondo haver algum segredo atrás do retrato, ele atira uma bolinha de papel na expectativa de desvendamento, mas ela prendera-se no cordão de sustentação do quadro. De súbito, lembrou-se de que o “papel” continha cenas de nus e, tomado pelo pânico, atira o próprio relógio para recuperar os tais desenhos. O resultado foi um desastre: ele acertou o vidro e despedaçou o quadro. Avexado e desesperado, antes de tomar qualquer outra providência, adentrou a sala o professor Carvalho, que lhe ordenou sua retirada do recinto (HOLANDA, 2008, p. 569-571).

Belarmino não havia cometido nenhum crime, quer dizer, não que o soubesse. Mas, ao cumprir sua pena em isolamento, comete um “crime” que compreende



ser significativo, embora não fosse intencional. O objetivo era olhar por trás do quadro de Tiradentes. O que ele escondia?

O menino, sem explicitar, declarou guerra a um símbolo pátrio. Atirou-lhe objetos até espatifar sua ostentação. Tiradentes fora transformado, na Primeira República (1889-1930), no principal herói nacional, sobrepondo-se àquela altura a outras propostas dos grupos político-ideológicos que rivalizam o poder do Estado. De acordo com Carvalho (2006), Tiradentes não era personagem sem memória na vida brasileira, especialmente na Corte, onde ocorreu a sua execução, em 1792, e em Minas Gerais, onde se dera a tentativa de conjuração (1789 em Vila Rica). Contava, para tanto, a comoção criada no público com o evento da crueldade praticada na sua morte.

Carvalho (2006) afirma que, na disputa memorialística e historiográfica sobre o inconfidente (mesmo no período republicano), entre herói ou mártir de menor expressão, consolidou-se a versão que o aproximava da simbologia de Cristo, conforme conhecimento geral. O símbolo engendrado não afastou o Tiradentes das noções de líder, herói e mártir da independência nacional. Mas a elas acoplaram outras imagens e possibilidades de leituras mais próximas da imagem símbolo do cristianismo, como podemos observar a seguir.

Destacamos os seguintes traços: Tiradentes foi o único condenado à morte (a pena dos demais foi comutada em degredo e mais tarde foram anistiados); ele aceitou com resignação o seu destino e abonou a sorte dos demais; durante o período da prisão na Corte, Tiradentes foi assistido por frades franciscanos e tornou-se uma personagem beatífica, aparentemente mística; conta-se, para tanto, não apenas a atitude frente ao destino dos demais culpados, como especialmente, a suposição de que para o ato de sua execução, decidira usar somente uma túnica branca à semelhança do Senhor Jesus Cristo e, também, beijar os pés de seu carrasco. O trajeto percorrido de carroça e a pé até o cadafalso, em meio à multidão, deve ser adicionado aos elementos da composição simbólica religiosa. Por fim, Carvalho nota que o fato de não existir nenhum retrato da época do Tiradentes, vivo ou morto, favoreceu que, ao longo do tempo, ocorresse a referida aproximação, por meio de objetos de arte enaltecendo o herói da nação, da Independência do país e da Proclamação da República. Não faltou, inclusive, o nosso traidor, Silvério dos Reis, para contribuir na simbologia de "Deus e o diabo na terra do sol". Assim sendo, o que Holanda quer desvelar, ou até mesmo denunciar, é a composição do poder teológico-político por trás do retrato de Tiradentes, não obstante a Constituição de 1891 tenha consolidado o princípio da separação entre Igreja e Estado.



Podemos supor, talvez com Holanda, que, no momento de seu cárcere, julgamento e execução, Joaquim José da Silva Xavier não tivesse semelhanças alguma com o que fora construído posteriormente. E há outro aspecto que se ajustava às intenções críticas do conto: os indícios de ser Tiradentes uma figura menor na conspiração, inferior na escala social em uma sociedade tipicamente hierarquizada do Antigo Regime, e que fora transformado em “bode expiatório”, ou melhor, o pagador não somente das próprias dívidas, mas também das dos demais. Por fim, destacamos o seu comportamento supostamente beatífico. Considerando todos esses elementos, é plausível imaginar o suposto herói, conquanto também uma figuração de específico *idiota*.

Desse modo, Belarmino foi criado como antípoda não do alferes Silva Xavier, mas do Tiradentes, herói nacional e consagrado mártir. Essa construção transcorre efetivamente desde o Império, mas se consolida sob os ideólogos da República, inclusive de parte dos apóstolos do positivismo.

Por outro lado, devemos considerar que, na tentativa de desvendar o que o retrato de Tiradentes oculta, Belarmino tenha lançado bolinhas de papel que se prenderam no cordão de suporte ao quadro. Um dos papéis utilizado nos arremessos, muito provavelmente, seria o mesmo que certo colega de classe tinha lhe repassado e continha gravuras de nus masculinos e femininos e “muitas outras indecências” (HOLANDA, 2008, p. 570). Talvez fosse esta a principal “estratégia” e alvo do poder teológico-político instituído: o corpo brasileiro. Sérgio Buarque mais tarde explicitaria seu pensamento, a respeito das ideologias dominantes, desde o Império e predominantemente na República:

Tudo assim se engenhava na fabricação de uma realidade artificiosa e livresca, onde nossa vida verdadeira morria de asfixia. Comparsas desatentos do mundo que habitávamos, quisemos viver fervorosamente contra nós mesmos, viver pelo espírito e não pelo sangue. Como Plotino de Alexandria, que sentia vergonha do próprio corpo, acabaríamos por esquecer tudo quanto fizesse pensar em nossa própria riqueza emocional, a única força criadora que ainda nos restava, para nos submetermos à palavra escrita, à retórica, à gramática, ao Direito abstrato (HOLANDA, 1936, p. 126).

A citação acima foi elaborada como crítica direta ao Romantismo brasileiro. Mas a avaliação dos valores sociais que se queriam dominantes na sociedade brasileira espraia-se para outras formas político-institucionais “modernas”,



como se perpassadas por “horror à realidade” e em nome de “um além”.

A interpretação nietzschiana do poder teológico-político construído pelo Apóstolo Paulo, transvalorando a “boa nova” do evangelista, concerne à crítica do autor brasileiro. Nietzsche, como filólogo, dizia que para enxergar o Deus cristão de Paulo “olha-se por trás dos livros sagrados” e “como médico, por trás da degeneração fisiológica do cristão típico”. Ao trair o “único cristão”, Paulo inventara, contra a vida, uma promessa após a morte. O filósofo pretendia perscrutar o sentido de “Deus na cruz”, e Holanda o significado do herói esquartejado – a República, suas ideologias e mitos como sinônimo da morte simbólica do corpo brasileiro, enquanto especificidade cultural; aquela com a qual presentearíamos a humanidade com o homem cordial, no dizer de Ribeiro Couto.

Não por acaso, Holanda usou Belarmino, como representação do povo brasileiro, para a sua declaração de guerra ao poder teológico-político presente na Primeira República e enfim despedaçá-lo. Afinal, o alferes, *tira-dentes*, transformou-se em personagem simbólica responsável por extrair uma capacidade própria do brasileiro: a de ainda morder. Capacidade ou habilidade que fora desaparecendo na vida nacional, mas que ainda existia nos tempos de Império e era esperança no homem cordial, conforme o autor interpretaria em *Raízes do Brasil* (1936).

Seção IV: Nesta seção o autor narra que Belarmino seguiu o conselho de sua mãe e se dirigiu à escola a pé. Já muito cansado, quase a desmaiar, sentou-se em uma pedra quando chegou ao Jardim da Aclimação e decidiu-se esperar pelo destino. Um desconhecido transeunte o reconheceu e lhe deu um copo d’água. Tratava-se do senhor Dicotiledôneo, sujeito de aparência respeitável, a quem o menino contou toda a sua história de véspera. Belarmino foi instigado a ir até à casa daquele senhor, onde sua filha, a professora Leonor, os estaria esperando. Belarmino foi conduzido pelas ruas da cidade e, de repente, estava em frente à Escola Modelo. Juntou-se a eles Leonor. Bem que o “idiota” pensou em se desvencilhar, mas não havia qualquer possibilidade; o professor Carvalho os informou sobre a sessão do Alto Tribunal da Escola, que julgaria Belarmino. Em seguida apareceu dona Catarina Honório, que aproveitou um momento de distração de todos com o aeroplano de Edu Chaves e desferiu uma sorte de golpes por todo o corpo do menino (HOLANDA, 2008, p. 571-577).

No interior do Alto Tribunal havia a mesma sala do retrato de Tiradentes, onde deu-se início ao julgamento presidido pelo professor Zenon. Após certa confusão inicial o professor Zenon, empestado, ameaçou retirar-se do



ambiente e disse: “Vou lavar as mãos... como Pilatos...”. Ante os protestos, retomou a direção do julgamento para asseverar que o crime de Belarmino era imperdoável. O senhor Dicotiledônio intercedeu a favor do julgado para que ele recitasse uma poesia. Mas a crítica da professora Catarina Honório à dicção foi impiedosa. A professora afirmou que seu aluno nada sabia de história natural, de gramática, de língua portuguesa e de geografia. O menino seria condenado, e uma pena mais branda seria colocar as mãos por cinco minutos em chapa quente; mas tudo se encaminhava para a pena de morte, igual à que fora condenado Tiradentes. Novamente surgiu nos céus da capital paulista o avião de Edu Chaves. A professora Leonor demonstrava compaixão pelo menino e esteve chorosa ao longo do julgamento, sugeriu aos ouvidos de Belarmino uma fuga para Nápoles, e os dois desaparecem em direção à rua (HOLANDA, 2008, p. 571-577).

Parece-nos clara a possibilidade de aproximação do julgamento de Belarmino à condenação do Cristo e, por associação, à história de Tiradentes. Um caminho possível e talvez interessante para avançarmos na análise é postular uma interpretação dos novos personagens que surgiram nessa seção do conto, ou que ainda não foram devidamente apresentados.

Destaquemos a participação do professor Carvalho, sobrenome que remete à árvore homônima. Ele deriva do latim *quercus* e tem em botânica um ramo da espécie definido como “carrasco”. Essas aproximações são frutíferas, considerando-se a estratégia de Holanda na nomeação dos personagens e o enredo geral do conto. De fato, o senhor Carvalho foi a pessoa que surpreendeu Belarmino na sala de Tiradentes e determinou sua retirada. Também foi o primeiro a se posicionar sobre o “grande e hediondo crime” do menino. De acordo com o mesmo, tratava-se de uma ação para ele próprio imperdoável em razão de sua responsabilidade pessoal perante o colégio e os pais. O menino havia ferido o seu orgulho em ter “tido como discípulos um Tiradentes, um Benjamin Constant e sobretudo um Floriano Peixoto” (HOLANDA, 2008, p. 573). Após recitar trecho de *Os Lusíadas*, de Camões, ele finalizou seu discurso afirmando que, em razão dessas imagens sacrossantas, era por vezes obrigado a ir “até as últimas extremidades” (HOLANDA, 2008, p. 573).

As referências usadas pelo professor Carvalho, além de indicar uma possível imagem do “carrasco” – futuramente necessária no drama de Belarmino e reconhecidamente importante na tragédia do Cristo e de Tiradentes –, faz jus a uma representação de educação escolar antiga, autoritária e significativamente “sacrossanta”. Essa era, em grande medida, dominada pelo pensamento católico



e, em fins da década de 20 e início dos anos 30, enfrentava pesada crítica dos escolanovistas.

Ao lado do senhor Carvalho, a professora Catarina Honório apresentou a posição mais inflexível pela condenação de Belarmino. Não foi somente inflexível, como também violenta e cruel. Ela demonstrara tais características desde o primeiro momento em que encontrou o menino no pátio do colégio: além de puxar-lhe os cabelos com imensa agressividade, deu-lhe “terríveis socos no pescoço, nas faces e sobretudo no ventre” (HOLANDA, 2008, p. 573).

No interior da sala de julgamento, o comportamento de dona Catarina Honório foi igualmente irascível. Utilizou-se toda a sua autoridade e suposto saber para humilhar Belarmino, até mesmo para considerá-lo um doente mental. A professora Catarina Honório (cujo significado nominal poderia expressar o próprio daquela que deve ser honrada por seu comportamento casto) mostrou-se “excessivamente zelosa” na avaliação de Leonor e representa a mais completa exigência de observância às regras institucionais e morais. Ao apresentar o comportamento da professora, o autor denuncia, além da incompreensão, o ódio à criança, a sua natural amoralidade, ao modo supostamente displicente e idiota de Belarmino (HOLANDA, 2008, p. 577).

Uma palavra a mais a respeito do prof. Zenon. De fato, Zenon Cleantes de Moura foi professor de certa relevância para a educação formal na cidade de São Paulo e, particularmente, na Escola Modelo, onde Sérgio Buarque de Holanda estudara na infância.⁴ Mas aqui, talvez, o autor tenha justaposto outro significado. É que Holanda, conforme *Raízes do Brasil* (1936), considerava a formação da cultura brasileira a partir de suas heranças ibéricas que teria, como básicos, os valores do personalismo, criados em consonância à filosofia do estoicismo, a filosofia particular dos espanhóis desde os tempos de Sêneca.⁵ Zenon de Cítio (333 – 263 a. C.) e Cleantes de Assos (301-232 a. C.), mestre e discípulo, respectivamente, foram os dois primeiros filósofos do Pórtico.

A apresentação física do professor Zenon Cleantes, com cabelos fortemente anelados, rosto acobreado e queixo dividido, nos dá a sensação de estarmos frente a estereótipos de um tribuno romano consagrados pelo cinema. Além disso, Holanda força essa aproximação ao informar a irritação do Presidente do Alto Tribunal de Julgamento, quando esse ameaçou abandonar o “ambiente empestado” e querer lavar as mãos, como fizera Pilatos no julgamento do Cristo frente aos Judeus. Não apenas nesse momento a figura de Zenon parece ser mais simpática quando contrastada com outros personagens. Outros momentos são a própria pena alternativa das “mãos em chapa quente” ou sua comoção com



o sofrimento do menino e, ainda, alguma indecisão final após proclamar a condenação, sob a pressão dos presentes.⁶

É difícil distinguir o significado da personagem Dicotiledôneo. É o nome científico para uma espécie de leguminosas, a exemplo do feijão, mas também de outras plantas e árvores como o cafeeiro, abacateiro, o pau-brasil e o mogno. Em botânica trata-se de uma classe de vegetais com flor e cujas sementes possuem dois ou mais cotilédones. Embora o nome do professor Carvalho também seja relativo a uma planta, o seu significado na narrativa nos parece ser outro, conforme apontamos nos parágrafos acima. Não obstante, as duas personagens masculinas e os seus pares femininos (de um lado, o Senhor Carvalho e a professora Catarina Honório e, do outro, Dicotiledônio e sua filha, a professora Leonor) conformam uma contraposição de atitudes frente a Belarmino, diferenças que o mesmo observava.

Desde o princípio, quando se apresentara e auxiliara Belarmino, dando-lhe água, Dicotiledôneo jamais figura como “professor” ou “senhor”, denotando proximidade. A relação entre o menino e ele foi cercada de confiança:

possuía bigodes espessos e opulentos, terminados em ponta [...] um aspecto admirável. Os enfeites e dourados do seu uniforme realçam-lhe ainda mais o busto bem formado e os largos ombros. Os olhos desprendiam uma doçura singular, que oferecia acentuado contraste com seu porte marcial [...] Belarmino viu logo que aquele bonito uniforme só podia pertencer a um personagem da mais alta importância e merecedor de toda boa fé (HOLANDA, 2008, p. 571-572).

Fica notório no conto o contraste entre a imagem da autoridade conquistada e superior e ao mesmo tempo a postura benevolente do personagem. Essa última atitude é sempre reforçada pelo comportamento de sua filha, Leonor (etimologicamente “a tocha que ilumina o caminho”, “a iluminação”). Ainda no campo da conjectura, o par serve, em contraposição ao senhor Carvalho e Dona Catarina Honório, para representar outra concepção do conhecimento e novos modos de educação.⁷

Mas, apesar de tudo, também é inescapável a ambiguidade que notamos no comportamento de ambas personagens. Um exemplo é a “mentira” pregada a Belarmino, quando Dicotiledôneo afirmou que o levaria a sua casa, onde os esperava a professora Leonor e que, para surpresa do menino, era o próprio colégio que buscava evitar. Na sequência ocorre a condução coercitiva, quando



as pesadas mãos ficam sobre os ombros da criança até que ela chegasse ao pátio da escola. Ambiguidades não faltarão a Leonor na fuga que realizou com o condenado.

Seção V: Belarmino foi conduzido por Leonor pelas ruas e galerias da cidade até chegarem a um “soberbo jardim” com um grande rio que lhe passava ao centro. Tomaram um bote e num instante estavam frente a um enigmático, velho e estranho casarão. Era Nápoles. Junto às grades do grande portão, um grupo de pessoas esperava o rebanho e os pastores, supostamente para entrar em Nápoles. Mas a “companheira Leonor” indicou outra entrada pelos fundos, por onde acessaram o interior do prédio. No lugar, tudo era velho, úmido e cheirava a mofo. Ao longo do grande corredor, portas à direita e à esquerda. Em uma delas, entreaberta, foi possível divisar a presença de uma pessoa em estado de profunda meditação. Ela pareceu a Belarmino ser sua mãe; ele quis correr e beijá-la, mas foi impedido e advertido por Leonor de que, na verdade, se tratava do Imperador de Nápoles (HOLANDA, 2008, p. 577-582).

O autor narra que os dois fugitivos entraram em outro cômodo menor, que não disfarçava o mau-cheiro e a deterioração de coisas antigas. Dona Leonor fora atrás de um lampião, pois já era noite e Belarmino, sozinho no cômodo, foi tomado por certo desespero, com a absurda ideia de que poderiam forçá-lo a entrar em um buraco de ratos no canto da sala. Leonor retorna e acende o candeeiro e, em seguida, começa a se despir, despertando um vulcão de sentimentos confusos e indizíveis no menino. Antes de ser despertado de seu torpor onírico, Belarmino teve tempo para iniciação sexual com a professora Eleonor e de vê-la mergulhá-lo naquele terrível buraco de rato, caos, dejetos e sensações, em um mundo novo no qual ele deveria viver. Um mundo monótono e tenebroso, onde tudo seria resíduo de café (HOLANDA, 2008, p. 577-582).

Interpretamos que Belarmino, o idiota, não teve a mesma atitude do Cristo e nem de Tiradentes. De modo algum poderíamos classificar o seu comportamento como beatífico, manso e pleno de satisfação com sua sorte. Há sempre indícios de rebeldia em suas manifestações, mesmo em relação a sua mãe. Um exemplo é sua irritação com a abordagem materna, como se ele fosse uma criança de cinco anos, porque ela lhe escondia alguma pretensão não formulada explicitamente. O menino não iria se apresentar à escola naquele dia (um pecado que já tinha sido premeditado), foi enganado e conduzido arbitrariamente por Dicotiledôneo.

No pátio da escola, ordenado a entrar pela professora Catarina Honório, após toda sorte de agressões, ele respondeu: “Não vou”. Foi arrastado pela



professora para o interior do colégio. Resistiu, ainda, a entregar o bilhete de sua mãe, no qual explicava suas ausências na aula e no qual existiam dois erros de ortografia nas palavras “esperansa” e “Onório”. Por fim, não teve dúvidas quando a professora Leonor lhe cantou ao ouvido “– Você naturalmente está condenado à morte. Mas não chore, que há um remédio. Fugamos./ Fugir para onde? – sussurrou Belarmino./ – Para Nápoles” (HOLANDA, 2008, p. 577). O menino preferiu a aventura da fuga ao invés da quietude própria de quem possui a beatitude.

Belarmino, com 12 anos, era de fato uma criança na puberdade, em divergência com os dois principais personagens que servem de referência a Holanda para compor o seu aventureiro. O Príncipe Liév, pessoa adulta, do romance de Doistoiévski, é claramente uma personagem beatífica, não resiste a nenhum perigo, nem mesmo àqueles que ameaçam sua própria existência. Tratado por muitos anos na Suíça, pois tinha epilepsia, adquiriu algum conhecimento e inteligência, bem como capacidades para o convívio social. Mas era completamente anárquico em seus sentimentos e, em momentos de maior tensão, não fugia deles nem os negava. Ao contrário: ele se afundava em suas próprias ansiedades e, por incapacidade de autodefesa, na própria crise que produzia, típica de sua enfermidade, até o ponto de ser acometido por violentos ataques.

Nietzsche explicita essa condição do idiota ao formular sua interpretação do Cristo:

A “boa nova” é justamente que não mais existem oposições; o reino do céu pertence às *crianças*; a fé que aí se exprime não é uma fé conquistada – ela está aí, existe desde o começo, é como que um infantilismo recuado para o plano espiritual. O caso da puberdade retardada e não desenvolvida no organismo, como consequência da degenerescência, é familiar aos fisiologistas, pelo menos. – Uma tal fé não se encoleriza, não repreende, não se defende: não traz “a espada” (NIETZSCHE, 2016, p. 38).

Belarmino aceitou a fuga para Nápoles, levado por “Iluminação”, a professora Leonor, responsável por providenciar um candeeiro que ilumina, mas deixa na penumbra as instalações dos fugitivos em Nápoles. Queremos chamar a atenção para a ambiguidade das metáforas, vinculadas às noções do “mundo moderno”, dadas as insistências do autor.

Um exemplo é o duplo aparecimento de Edu Chaves, herói de façanhas



nacionais na década de 20, e de seu aeroplano nos céus de São Paulo. Sua segunda aparição deu oportunidade para a inesperada fuga do condenado e sua companheira; porém, a primeira foi também a janela para que Belarmino fosse submetido àquela sessão prévia de maus tratos por parte da professora Catarina Honório (aliás, da mesma maneira como o Cristo os sofrera antes de condenado). Outro signo importante é o relógio que também apareceu duplamente na narrativa. Na primeira vez como objeto arremessado e que, como vimos, produziu forte estrago no retrato de Tiradentes. Por outro lado, Belarmino observa, ao chegarem a Nápoles, que diversas pessoas esperam a cidade abrir e, no instante, um deles alçou o relógio e afirmou: “– Só nos resta esperar que chegue o rebanho. Então poderemos penetrar, juntamente com os pastores” (HOLANDA, 2008, p. 578). Aqueles que esperam, já em atitude passiva, provavelmente se acomodariam aos demais habitantes de Nápoles, formados por rebanho e pastores.

Consideramos salutar dar realce, em contraste à imagem imediatamente anterior, à iniciativa de Leonor, talvez um signo da Civilização (com maiúscula!), em buscar outra entrada, nas partes do fundo do casarão Nápoles. No entanto, sua personalidade é apresentada ao leitor com incerta saúde física e emocional, psicofisiológica, para usar uma expressão nietzschiana. Desde o início da trama a personagem aparece chorosa, com desabridos sentimentos de piedade e compaixão pelo destino do aluno. A compaixão, sentimento próprio dos fracos, na acepção de Nietzsche, não passou despercebida por Holanda na tese que defenderá sobre o homem cordial, em *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1936).

Observamos, demais a mais que, no trajeto da fuga, ao sentirem “grande apetite”, Belarmino foi a uma loja de frutas, pouco sortida, para comprar víveres. Contudo, ele nada adquiriu, pois Leonor não podia com a fribosidade das mangas em razão das “gengivas delicadas”, nem com as nozes porque elas causavam-lhe espinhas. A personagem que nos remete à noção civilizatória não consegue mastigar a contento ou lhe faz mal a ingestão de alimentos mais “fortes”. Certamente ela nada mais possui da força “selvagem” que se interessa somente pelas carnes dos “bravos”, símbolo tão importante tanto na filosofia de Nietzsche quanto para os “primitivistas” antropofágicos. Foi iniciativa, ainda de Leonor, solicitar autorização, ao velho Imperador, para ficarem em Nápoles. Não obstante, Leonor é responsável direta pelas três experiências mais significativas de Belarmino.

A primeira é a própria aventura da fuga. Em suas obras *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1936), *Monções* (HOLANDA, 1990) e *Caminhos e Fronteiras* (1957),



Holanda analisa a formação do “povo brasileiro” e particularmente dos paulistas, durante a qual ocorrera de modo nítido a formação do “Brasil moderno” e em que a noção ou signo da *aventura* é imprescindível. Não estabelecer “ideias fixas” para o povo, ainda moço e estulto, foi posição intelectual significativa para o modernismo brasileiro, ao menos para aquela família da qual Holanda imaginou estar mais próximo, a dos “primitivistas”, conforme elaborou, por exemplo, na polêmica *O lado oposto e outros lados* (1926). No *Manifesto Antropófago* (1928), a aventura não seria incompatível com a modernidade; aliás, ela seria indispensável a certa modernidade, ali imaginada (ANDRADE, 1970).

A segunda experiência significativa de Belarmino, por iniciativa da companheira, é a sua iniciação sexual. Trata-se, evidentemente, da manifestação de um ritual de passagem, no qual o adulto induz um jovem, em idade puberal, à nova fase de sua vida. A narrativa da iniciação sexual de Belarmino serviu também para o autor estabelecer um indício na interpretação ao firmar forte contraponto entre sua personagem e as outras duas que lhe instigaram a criação ficcional, em Dostoiévski (2002) e Nietzsche (2016). Belarmino, evidentemente, não era o caso de degenerescência fisiológica ou retardamento da puberdade, de um adulto infantilizado, doente. Belarmino é plenamente saudável e possui forças suficientes para o gosto pela aventura e por criação, para a busca ou aceitação do novo. O nosso idiota, ainda, se formará como pessoa.

A terceira experiência articula-se com a anterior. A companheira Leonor é, ademais, responsável por empurrar o menino para aquele buraco de ratos, onde o mundo infantil cedia aos horrores de uma nova vivência totalmente calculada “para indivíduos da espécie de Belarmino” (HOLANDA, 2008, p. 581). O menino resistiu, mas era inevitável a nova fase. Seria melhor convencer-se da necessidade da nova forma de vida na qual “seria forçado a viver, daí por diante”, naquele mundo de caos, dejetos e terríveis sensações, monótono e tenebroso, onde tudo seria resíduo de café! Ele fez um esforço para esquecer tudo o que passara naquele dia e, “depois disso, tomaria ânimo para enfrentar o novo modelo de existência. Foi então que um novo empurrão, não se sabe de onde, veio sacudi-lo desse entorpecimento” (HOLANDA, 2008, p. 582). Aquela que conduz a tocha da civilização força o menino, povo brasileiro, contra a sua vontade e disposições naturais, aos tempos inevitáveis do moderno.

Resta tratarmos do significado de “Nápoles”. Nas interpretações que indicamos no início do artigo, o autor Marcelo Neder Cerqueira (2016) admite o argumento de Gilásio Cerqueira Filho (2012). Eles relacionam a cidade Nápoles



à figura do Imperador Frederico II que, no século XIII, em oposição ao papado, instituiria o Sacro Império Romano-Germânico. Os referidos autores vinculam essa acepção a certa nostalgia inconsciente de Holanda por um poder pátrio autoritário ou à participação do autor na antiga e tradicional disputa teológico-política luso-brasileira, entre tomistas e jansenistas, avaliando que ele estaria próximo dos segundos.

Nietzsche, na obra usada como referência, faz menção positiva a Frederico II e a suposta declaração de Guerra a Roma e ao poder sacerdotal da Igreja. Por isso, o Imperador, excomungado duas vezes, chamado de Anticristo é, contudo, saudado como fundador do Império Sacro Romano-Germânico. Pensamos, por outro lado, que a referência ao personagem Imperador de Nápoles, não deve afastar a possibilidade de alguma relação com a figura de Pedro II e o Império brasileiro com o Regime do Padroado.

No entanto, imaginamos que a representação de Nápoles está vinculada diretamente ao romance de Dostoiévsky (2002), *O Idiota*. Na primeira parte do livro, quando o Príncipe MíchkinLiév foi apresentado à família do General Spantchiná, em conversa com as damas da casa, a Generala e suas três filhas, o visitante fala, a pedido, sobre a experiência em uma pequena aldeia na Suíça, quando se tratava de epilepsia.

Às vezes isso acontecia ao meio-dia, quando eu ia a uma montanha, ficava sozinho no meio da montanha, cercado de pinheiros, velhos, grandes, resinoso; no alto do rochedo havia um castelo medieval, ruínas; nossa aldeota ficava longe, lá embaixo, mal se avistava, sol claro, céu azul, um silêncio de meter medo. E aí, acontecia, alguma coisa chamava para algum lugar, e sempre me parecia que se eu seguisse sempre em frente, andasse muito e muito tempo e fosse além de uma linha, por exemplo, daquela linha onde o céu e a terra se encontram, ali estaria todo o enigma e no mesmo instante veria uma nova vida, cem vezes mais intensa e mais ruidosa do que a nossa vida aqui; eu estava sempre sonhando com uma cidade grande, como Nápoles, tudo nela eram palácios, ruído, estrondos, vida...O que eu não sonhava! Mas depois me pareceu que até na prisão pode-se encontrar uma vida imensa (DOSTOIEVSKI, 2002, p. 81-82).

O “nosso” Idiota também sonha com Nápoles. Mas, ao contrário de Michkin que vê em seus sonhos uma cidade maravilhosa e de “uma vida mil vezes mais rica”, onde todos os mistérios são revelados, a experiência de Belarmino



significa uma visão de coisas muitas antigas, velhas e mal cheirosas. Ao invés da plena riqueza da vida, em esplendor, há a solidão e o pavor. Liév sonha com a magnitude da civilização européia, representada pela grande cidade de Nápoles. O Príncipe russo é todo introspecção; ele “não sonhava pouco”, mas não enxergava claro como Belarmino em seu sonho.

Por isso, Belarmino vê que o Imperador de Nápoles é, de fato, sua mãe, a Virgem Maria. A imagem da Santa mestiça, provavelmente como era a mãe de Belarmino (em contraposição a professora Catarina Honório que era loura), foi coroada Rainha do Brasil em 08 de Setembro de 1904, dia posterior à comemoração da Independência nacional, com coroa doada pela ex-princesa Isabel, em ato solene que contou com a presença do Presidente da República Rodrigues Alves. Em 16 de Julho de 1930, por Decreto de Pio XI, foi declarada Padroeira do povo brasileiro. A solenidade foi realizada em 31 de Maio de 1931, no Rio de Janeiro, com a presença do Cardeal Sebastião Leme e muitas outras autoridades religiosas e, também, de Getúlio Vargas e autoridades civis e militares, nacionais e estrangeiras.

O conto “Viagem a Nápoles”, enviado em 10 de Maio de 1931 ao amigo Mário de Andrade para ser publicado na Revista *Nova*, por esse dirigida em parceria com Paulo Prado e Antônio Alcântara Machado,⁸ não era de modo algum intempestivo; muito pelo contrário. O texto de ficção de Holanda foi encaminhado junto a uma carta. Na correspondência o autor faz uma crítica ao amigo e editor sobre alterações realizadas em *Danças*, poema publicado em uma primeira versão na *Estética*, Revista do movimento modernista, na qual Sérgio fora coeditor. Na sequência Holanda observa:

As *Danças* já não pertenciam mais a você para tratá-las com essa sem-cerimônia. Diante disso receio às vezes que você venha a tornar-se por acaso um católico apostólico romano ultramontano tomista, legionário, partidário do Ensino Religioso, revolte-se com o Tristão contra o que ele chama o laicismo de nossa política e depois de todas essas coisas lamentáveis resolva, por coerência, publicar o *Macunaima* expurgado, para uso das excelentíssimas famílias ilustres funcionários públicos desta imaculada República Nova que Deus Santíssimo guarde para os séculos dos séculos Amém. É o estilo da época (ANDRADE; HOLANDA, 2012, p. 100).

Não precisamos aprofundar todos os elementos que o trecho da carta apresenta, pois seria repisar em coisas já ditas. De qualquer modo, é interessante



pensarmos alguns deles. Tristão de Athayde ou Alceu Amoroso Lima era um intelectual de destaque naqueles tempos. Crítico literário na cidade do Rio de Janeiro, foi em fins dos anos 20 conquistado às hostes católicas por Jackson de Figueiredo. Após a prematura morte de Figueiredo em 1928, Lima assumira, cada vez mais, importância no laicato da Igreja, alcançando primazia nacional. Seu trabalho em prol das forças católicas, nos anos 20 e sobretudo na década de 30, com a Ação Católica, não poderia de modo algum ser subestimado. Foi um pouco “o estilo da época”, e Tristão tem muita responsabilidade na consolidação daquele estilo que, dentre tantos veículos disponíveis, tinha na Revista *A Ordem*, fundada em 1922 (ano da semana modernista e de tantos outros episódios marcantes) no Rio de Janeiro, por ele dirigida, o principal farol moral e intelectual do laicato católico.

O “estilo” era efetivamente o do ultramontanismo católico romano, cujos princípios estão nas décadas finais do século XIX. O momento foi um ponto importante na crise entre o Império Brasileiro e a Santa Sé, a chamada “Questão Católica”, e obteve sua primeira grande vitória político-religiosa e popular no Brasil, com a coroação de Nossa Senhora Aparecida. Mas o auge do laicato católico e do ultramontanismo ocorreria nos anos 30 e 40, e a Consagração da Virgem em 1931 significou esse novo momento. Ao contrário de fins do XIX, quando o ultramontanismo se revelava por rejeição aos valores e ideologias modernas, nos anos 20 e 30 do século XX buscava-se uma acomodação junto aos poderes do Estado-Nação.

Dentre muitas questões importantes da época, caracterizada por expansionismo das forças do Estado, como a questão social, no Brasil travava-se uma árdua disputa sobre os destinos da educação formal das crianças e da juventude. Nessa disputa, estavam de um lado os escolanovistas, liderados por Anísio Teixeira, e do outro aqueles que defendiam a presença religiosa nas escolas. Os últimos, liderados por Alceu Amoroso Lima, saíram vitoriosos.⁹

Sérgio B. de Holanda, desde antes mesmo da conversão de Lima ao catolicismo, quando este daria “adeus à licenciatura”, tinha no intelectual convertido um de seus principais, senão o principal, adversário intelectual.¹⁰ O incômodo revelado ao amigo Mário de Andrade denota a posição de Holanda, no interior de um debate sobre a cultura e arte, como caminho para a recriação do país.

A interpretação da cultura e da identidade do povo brasileiro, em muitas das metáforas produzidas pelos modernistas, mesmo que em divergências, tinham esse significado e profundidade. *Macunaima*, de Mário de Andrade (2017); *Cobra Norato*, de Raul Bopp (2016); *Abaporu*, de Tarsila do Amaral; *Belarmino*,



de Sérgio B. de Holanda, e *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, para ficar na família mais ou menos próxima do primitivismo: todos são símbolos mestiços da representação que Holanda pretendeu apresentar sob os valores e formas da cordialidade em 1936.

Todos eles estão carregados de signos próprios e nas cercanias do “homem selvagem”, perspectivista, inclusive para viver sob muitas formas. A constituição psicofisiológica daquelas fantasias ou ficções do “homem selvagem” era forte o suficiente para morder e deglutir os “mais bravos”, e não obstante, sempre criança, no esquecimento, no desejo fundante e criador, ainda que bastante anárquico, da brincadeira, da “alegria como a prova dos nove”, da naturalidade da sexualidade e do corpóreo, da pessoalidade como amor próprio e aos seus, diverso da compaixão moral (o amor ao próximo, a compaixão do cristão).

Um “*Macunaíma* expurgado” seria, evidentemente, um outro herói, talvez com algum caráter moldado por um “dever-ser” moral, mas já sem a presença desses elementos. Esses seriam, supostamente, pontos de partida para o reencontro do brasileiro consigo mesmo, para enfim superar a “moléstia de Nabuco”, na crítica ácida do próprio Mário de Andrade: “isso de vocês (brasileiros) andarem sentindo saudade do cais do Sena em plena Quinta da Boa Vista” (ANDRADE apud CERQUEIRA, 2016 p. 145).

Enfim, Holanda nos revela, no conto e na correspondência, não ter maiores expectativas positivas com o ciclo histórico que se inaugura. Ele se contrapõe a muitos outros intelectuais e modernistas, não se iludindo nem com os valores fixos sacerdotais do romanismo católico, nem com a “imaculada” República Nova de Getúlio Vargas – a reiteração do poder teológico-político que Belarmino, mesmo sem o saber, denunciou tanto no estilhaçar do retrato de Tiradentes quanto no significado do Imperador de Nápoles, naquele decaído casarão, de pastores e ovelhas.

Referências

- ANDRADE, Mário de; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Correspondência*. Organização de Pedro Meira Monteiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. 2. ed. Barueri: Ciranda Cultural, 2017.
- ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropófago*. In: ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas – do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p. 11-19.



BOPP, Raul. *Cobra Norato*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. Sérgio (modernista) Buarque de Holanda em a viagem a Nápoles. *Revista de Psicopatologia*, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19542125-Sergio-modernista-buarque-de-holanda-em-a-viagem-a-napoles.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CERQUEIRA, Marcelo Neder. *Relações de força na passagem à modernidade na América Latina: cultura, poder e subjetividade*. 2016. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

COSTA, Michele Cristine da Cruz. *Em defesa da modernidade na educação: os liberais e a esquerda nos manifestos de 1932 e 1959*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

DOSTOIÉVSKY, Fiódor. *O Idiota*. São Paulo: Editora 34, 2002.

FARIAS, Damião Duque de. *Em defesa da ordem: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O lado oposto e outros lados. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1889. p. 85-88.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Viagem a Nápoles. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 2008. p. 565-582.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: uma filosofia para o futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas, e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.



SANCHES, Dalton. *Agonística buarquiana: Sérgio Buarque de Holanda em combates com Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima (1920-1960)*. 2019. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

SÃO PAULO. Assembléia Legislativa do Estado. Secretaria Geral Parlamentar. Departamento de Documentação e Informação. Decreto n. 22.881-f, de 19 de novembro de 1953. Dá a denominação de “Professor Zenon Cleantes de Moura” ao Grupo Escolar do Cubatão de Cima, em Cubatão. *Diário Oficial- Executivo*, São Paulo, p. 1, 22 novembro de 1953. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1953/decreto-22881F-19.11.1953.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

Notas

¹Professor Adjunto do Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

²Não deixa de ser curioso que as análises do conto, mencionadas anteriormente, cientes do significado etimológico do nome do personagem principal, não tenham investido na interpretação, tanto por meio de Nietzsche e, muito mais, de Dostoiévsky, considerando-se a profícua atuação de crítico literário de Sérgio Buarque de Holanda. Elas, dentre muitos aspectos e recursos ficcionais explorados e explicitados, interpretam o texto buarquiano em um jogo autobiográfico e de psicologia social, sem jamais estabelecer qualquer relação com os autores que iremos abordar.

³“Há uma *moral dos senhores* e uma *moral dos escravos*; acrescento de imediato que em todas as culturas superiores e mais misturadas aparecem tentativas de mediação entre as duas morais, e, com ainda maior frequência, confusão das mesmas e incompreensão mútua, por vezes inclusive dura coexistência – até mesmo num homem, no interior de *uma só alma*.” (NIETZSCHE, 2005, p. 155).

⁴“Dá a denominação de ‘Professor Zenon Cleantes de Moura’ ao Grupo Escolar do Cubatão de Cima, em Cubatão. [...]Considerando que o professor Zenon Cleantes de Moura, já falecido, diplomou-se em 1904 pela tradicional Escola Normal da Praça [...], desempenhou sempre de maneira exemplar, foi sucessivamente adjunto do ‘Grupo Escolar Gabriel Prestes’ de Lorena, e da Escola Modelo anexa à Escola Normal da Praça, hoje Instituto de Educação ‘Caetano de Campos’ [...]” Conforme: Decreto n. 22.881-f, de 19 de novembro de 1953, do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 1953).

⁵“Sua manifestação mais completa já tinha sido expressa no estoicismo, a filosofia nacional dos espanhóis desde os tempos de Sêneca” (HOLANDA, 1936, p. 5).

⁶Em *O Anticristo*, também notamos uma breve referência a Pilatos (a única figura honesta



que apareceria em todo o Novo Testamento), por deixar de se imiscuir em assuntos dos sacerdotes judaicos, pois quem e o que ali poderia representar a verdade (pois, o povo judaico, de moral de sacerdotes, poderia ser considerado a antítese do verdadeiro)? (NIETZSCHE, 2016, p. 55).

⁷As disputas sobre o campo educacional no período foram intensificadas pelo aparecimento de corrente pedagógica filosófica de cunho progressista que ficaria conhecida como “Escola Nova”. Suas teses foram apresentadas no “Manifesto dos Pioneiros” em 1932 e dialogavam com o pensamento do filósofo pragmático, norte americano, John Dewey (COSTA, 2017).

⁸Conforme nota de Pedro Meira Monteiro *in*: Andrade e Holanda (2012, p. 101).

⁹É bem verdade que também parece existir no conto certa desconfiança do autor em relação às teorias educacionais modernas, nas perspectivas apresentadas sobre as personagens de Dicotiledôneo e Leonor. Sobre os embates sobre a educação na década de 20 e 30, ver: Saviani (2008) e Schwartzman (1984).

¹⁰A respeito do histórico de divergências e rivalidades envolvendo o autor de Raízes do Brasil e o intelectual católico ver: Sanches (2019). Em relação às estratégias do campo católico de aproximação com o Estado brasileiro, no período, ver: Farias (1998).